

Eleições autárquicas de 2017

Razões de um empenho para o bem de todos

Todos somos interpelados pelas Eleições Autárquicas de 11 de junho, não apenas aqueles que já estão envolvidos na política a vários níveis ou que se irão candidatar.

Nas pessoas e nas realidades sociais parece dominar o pessimismo, muito alimentado pela incerteza. Há todos os problemas que estão à vista: o crescimento da pobreza; a ausência de referências na sociedade civil e de propostas capazes de incidir na vida real das pessoas, nas necessidades de quem tem uma família ou procura um trabalho; o afluxo aparentemente incontável dos imigrantes, que contribui para aumentar o sentimento de insegurança; a marginalização, os idosos, a falta de alojamento para os mais carenciados e os jovens casais, a crise da educação e a degradação dos edifícios escolares, a falta de instalações desportivas adequadas, a poluição e os espaços verdes públicos, o problema dos transportes. São apenas algumas das questões com que temos de nos confrontar todos os dias; quer queiramos, quer não, fazem parte do tecido da nossa vida quotidiana. A tudo isto, junta-se uma última incerteza, ligada a uma falta de estima e desconfiança nas instituições.

Neste contexto, o risco é de que prevaleça o desinteresse ou uma reacção instintiva, um “não juízo” ou a ideia de derrubar quem está no poder, porque lhe é atribuída toda a responsabilidade das coisas que não correm bem. Uma crescente cultura de desconfiança e incerteza bloqueia qualquer proposta de mudança e derruba tudo aquilo que nasce de uma pertença ideal, de uma tradição e de uma história, de qualquer cor e credo. Ao passo que aquilo de que há hoje maior urgência é de sujeitos que possam – nas coisas pequenas ou nas grandes – encontrar-se, dialogar e fazer propostas credíveis.

De onde recomeçar?

•1• A primeira indicação é a de voltar a colocar ao centro aquele **desejo de bem** nunca aplacado que vive no coração de todos.

Diante de uma necessidade – na família, no trabalho, nas relações com as pessoas – a nossa natureza impele-nos a arregaçar as mangas para dar uma mão. Antes de nos lamentarmos pelas falhas dos outros, sentimos o ímpeto de oferecer um contributo que assinala o início de uma solução do problema. Por isso, o ponto onde apostar hoje, ainda que pareça ser o mais distante dos problemas identificados como urgentes, é tomar em consideração as necessidades que surgem onde se vive.

•2• Esta seriedade em relação à realidade e às suas urgências alimenta o empenho por aquele **bem comum**, ou **bem de todos**, que na *Evangelii gaudium* o Papa Francisco nos aponta como um desafio a acolher. Não é um slogan abstracto, mas uma experiência a viver, uma hipótese a verificar: «O individualismo pós-moderno e globalizado favorece um estilo de vida que debilita o desenvolvimento e a estabilidade dos vínculos entre as pessoas e distorce os vínculos familiares. (...) Nós, cristãos, insistimos na proposta de reconhecer o outro, de curar as feridas, de construir pontes, de estreitar laços e de nos ajudarmos “a carregar as cargas uns dos outros” (Gal 6,2)» (*Evangelii gaudium*, 67).

•3• Isto significa juntarmo-nos para construir aqueles **corpos intermédios** que, desde a União da Itália, com o movimento católico e operário, permitiram às pessoas viver melhor, e foram incluídos na Constituição de 1948 e depois na revisão constitucional de 2001 (princípio de subsidiariedade).

Foram muito numerosas as **obras sociais** nascidas destes sujeitos sociais, velhas e novas: realidades de resposta à pobreza como o Banco Alimentar e as Caritas; de ajuda no estudo aos jovens mais desfavorecidos como Portofranco e as associações que operam nos bairros Zen de Palermo e Scampia de Nápoles; de acolhimentos aos imigrantes como a Casa da Caridade e a Arca em Milão; de apoio aos trabalhadores precários como a FeLSA Cisl; de cuidados paliativos, como a Fundação Floriani; de formação profissional como a Piazza dei Mestieri em Turim; creches por toda a Itália.

O primeiro empenho pelo próximo e pelo bem comum, qualquer que seja o ideal em que se acredita, é não deixar de construir a partir de baixo respostas à necessidade, vencendo a tentação de enriquecer ou de obter através disso qualquer forma de poder.

Estas obras sociais não podem e não devem substituir-se às **entidades públicas**: não podem vir de toda a parte e têm, acima de tudo, o valor de um testemunho, que incita todos a um empenho efectivo. Por outro lado, é completamente desajustada a proposta de administrações centralizadoras, que pensam responder sozinhas às necessidades dos cidadãos e ao bem comum, marginalizando e ignorando estas realidades. Entre outras coisas, já não têm os recursos para o fazer e acabam assim por reduzir ao mínimo a ajuda aos cidadãos. Chegou o momento de uma **parceria público-privada**, como afirmam os mais importantes estudiosos. Vencendo a tentação de fazerem sozinhas, ou de promoverem exclusivamente as realidades que lhes são próximas, é preciso que as administrações públicas envolvam numa colaboração concreta os cidadãos e as realidades por eles geradas, sem os tratar como meros fornecedores passivos de serviços.

•4• É a este nível que se coloca o papel da **política** nestas eleições. Para responder aos desafios actuais, não são necessários partidos de plástico impostos de cima, nem partidos do NÃO, mas pessoas profundamente enraizadas num povo real e não virtual, que levem para a cena política interesses e ideais das pessoas, prosseguindo o diálogo com a sociedade e com os outros sujeitos políticos, pondo em primeiro lugar o bem comum.

Por isso nenhum de nós – pessoas, associações e movimentos, políticos e partidos – pode permanecer indiferente ao apelo expresso recentemente pelo Papa Francisco: *«Empenhai-vos na política, mas por favor na grande política, na Política com p maiúsculo! - inclusive através da paixão pela educação e pela participação no intercâmbio cultural (...) para encontrar todos, receber todos, ouvir todos, abraçar todos»* (Francisco à Acção Católica Italiana, 30 de abril de 2017).

